

ENTREVISTA COM RUI ZINK

Charles Martins*

Rui Barrera Zink é escritor, nascido a 16 de junho de 1961, é professor auxiliar da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. É autor de obras como *Apocalipse nau* (1996), *O suplente* (1999), *O anibaleitor* (2006) e a obra *Dádiva Divina* (2004).

CHARLES MARTINS: Você considera que a obra *Dádiva Divina* tem características da Literatura Fantástica? Por quê?

RUI ZINK: Sim, desde logo por presumir que uma pessoa possa estar viva, entre nós, ao fim de dois mil anos. E também pela intriga - a questão da clonagem, nomeadamente. É um romance híbrido, isto é: tem elementos da literatura fantástica, mas também do policial e da ficção científica.

CHARLES MARTINS: A divisão em Livro Um e Livro Dois foi para fazer referência ao Novo e Velho Testamento da Bíblia?

RUI ZINK: É uma leitura interessante! Um livro deve surpreender não só o leitor como o próprio autor, e essa leitura agrada-me. A verdade é que há uma mudança de comportamento no personagem principal, e isso muda inclusive a voz da narrativa. Ele deixa de ser tão brusco para se tornar mais suave e paciente.

CHARLES MARTINS: Você se inspirou em outra obra (além da Bíblia)?

RUI ZINK: Bem, num livro uma pessoa se inspira em todos os livros que leu. Mas não consigo lembrar agora nenhum especificamente. Eu sabia que queria que o meu anti-herói mudasse, que a sua relação com o mundo mudasse.

* Graduando em Letras/Inglês pela Universidade Federal do Maranhão e autor desta entrevista, tendo a Professora Dr^a. Naiara Sales como orientadora.

CHARLES MARTINS: O nome da personagem Samuel Espinosa tem relação com o profeta Samuel?

RUI ZINK: Sim. E todos os que assim são nomeados têm algo a ver com o profeta, saibam-no ou não. Mas também ajudou ser nome de detective americano, como Sam Spade.

CHARLES MARTINS: A obra foi escrita em algum contexto social específico? Qual?

RUI ZINK: Posso dizer que sim, todos os livros o são e os meus mais ainda- respostas ao mundo no qual vivo, aqui e agora. Fim do milénio, guerra, ascensão do egoísmo neoliberal e hipercapitalista, onde uns poucos querem tudo e não querem deixar nada para os restantes 99%. A ideia de tentar conseguir a imortalidade para uma elite não é nova. Os ricos já se podem pagar plásticas (para continuarem a parecer jovens), tratamentos ao câncer em Londres (para poderem viver), comida melhor (com anti-oxidantes). É um facto: os ricos ainda não são imortais mas têm fortes chances de viver mais. Em Portugal uma ex-ministra da Saúde disse na TV: «Quem quer saúde paga!».

CHARLES MARTINS: Você coloca questões de cunho pessoal, como a busca pelo verdadeiro sentido da vida em pleno século XXI, onde os paradoxos éticos e religiosos reinam. Esses são pontos principais ou tem mais coisas que podem ser apontadas?

RUI ZINK: É sabido e acontece em todas as religiões organizadas: nem sempre os sacerdotes acreditam naquilo que pregam. Alguns (em todas as religiões) comportam-se exactamente ao contrário daquilo que dizem: promovem a guerra, o amor ao dinheiro, pregam mais o ódio que o amor. Por exemplo, quando não deixam uma menina violada abortar onde está o famoso amor à vida? As religiões organizadas têm uma importante função social, mas não lhes reconheço uma particular autoridade para falarem em nome do divino.

CHARLES MARTINS: Como se deu a construção da narrativa, que começa com o narrador observador e, no livro dois, passa para o narrador personagem? Foi proposital ou aconteceu naturalmente?

RUI ZINK: Tudo num livro é as duas coisas, plano e sorte. Um bom escritor tem sempre um plano, mas depois aprende a escutar o texto - e o texto é que diz para onde quer ir. Eu não tinha planeado mudar a voz: foi-me oferecido como um instrumento de mudança no romance.

CHARLES MARTINS: **Você acha que Jesus ainda está no meio de nós, em carne e osso?**

RUI ZINK: Acho que sim. Eça de Queirós, meio ateu, escreveu um conto maravilhoso: «O Suave Milagre». Eu vejo Jesus várias vezes por ano em certos momentos. Se é ele ou não pouco importa - eu vejo-o. Ainda ontem três bombeiros de Nice decidiram ir sozinhos combater os fogos em Portugal. Nice, uma cidade que sofreu uma violência brutal em Julho! Posso dizer - e estou disposto a jurá-lo - que vi Jesus na foto, entre esses três bombeiros. Qual era não sei dizer ao certo. E aceito também que outra pessoa lhe dê outro nome que não Jesus.

CHARLES MARTINS: **Como surgiu/começou o seu interesse pela literatura? Foi na infância ou já no colegial?**

RUI ZINK: Primeiro tive um interesse sério na palavra escrita. Os meus colegas aos seis anos já sabiam todos mais ou menos ler, porque vinham do jardim-escola. Eu tive de recuperar o atraso. Foram seis meses difíceis, até que os alcancei.. Tornei-me um leitor compulsivo em blocos de dois anos: 6-8, 10-12. Aos 14 fiz a minha primeira «história literária». Aos 17 decidi virar escritor, porque sentia que o romance ia a lugares profundos onde outras artes não iam.

CHARLES MARTINS: **Como você define a sua relação com a literatura?**

RUI ZINK: Quero pertencer ao grupo restrito dos inovadores: aqueles que tentam acrescentar um ponto ao modo como contar a história. Admiro mais Beckett que James Patterson (o homem que mais vende livro hoje).